

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

HELENA CARPES BIASI

**O IMPACTO COMUNICACIONAL DO RÁDIO NA FRONTEIRA DO RIO GRANDE
DO SUL DURANTE A DITADURA MILITAR**

SÃO BORJA

2024

HELENA CARPES BIASI

**O IMPACTO COMUNICACIONAL DO RÁDIO NA FRONTEIRA DO RIO GRANDE
DO SUL DURANTE A DITADURA MILITAR**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Jornalismo da
Universidade Federal do Pampa, como
requisito parcial para obtenção do Título
de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Alexandre Rossato Augusti

SÃO BORJA

2024

HELENA CARPES BIASI

**O IMPACTO COMUNICACIONAL DO RÁDIO NA FRONTEIRA DO RIO GRANDE
DO SUL DURANTE A DITADURA MILITAR**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Jornalismo da
Universidade Federal do Pampa, como
requisito parcial para obtenção do Título
de Bacharel em Jornalismo.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 02, de dezembro de
2024

Banca examinadora:

Prof. Dr. Alexandre Rossato Augusti
Orientador
(UNIPAMPA)

Prof^a. Dr^a. Adriana Ruschel Duval
(UNIPAMPA)

 Documento assinado digitalmente
EDUARDO VIEIRA DA SILVA
Data: 12/12/2024 10:10:02-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Eduardo Vieira da Silva
(UNIPAMPA)



Assinado eletronicamente por **ALEXANDRE ROSSATO AUGUSTI, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 10/12/2024, às 09:06, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ADRIANA RUSCHEL DUVAL, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 10/12/2024, às 13:56, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1613727** e o código CRC **8C186964**.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

B576 Biasi, Helena

i O impacto comunicacional do rádio na fronteira do Rio Grande do Sul durante a Ditadura Militar / Helena Biasi.

56 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação) -- Universidade Federal do Pampa, JORNALISMO, 2024.

"Orientação: Alexandre Augusti".

1. Rádio. 2. Ditadura Militar. 3. Disseminação de notícias. I. Título.

Dedico esta monografia ao meu avô Alci, que sempre quando sentávamos na varanda para comer laranjas, fazia questão de me contar histórias. Isso, de alguma forma, resume o porquê gosto de comunicar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha avó Maria, pois ela estabelece a base da nossa família e sem ela, chegar até aqui seria bem mais difícil. Ao meu avô Alci, que mesmo não podendo saber o que eu escolhi como carreira, me observa e protege de onde estiver.

A minha mãe, Cristiane, principalmente, por me dar a vida e abdicar noites de sono para que eu pudesse sonhar e fazer com que eu sempre me sinta amada. Ao meu pai, Carlos, que me faz sentir protegida e abençoada. E também ao restante da família, que se em algum espaço de tempo pudéssemos escolher, eu com certeza fiz uma boa escolha.

Agradeço às minhas amigas, Fran e Bruna que me acompanharam nesses quatro anos e que continuam sempre ao meu lado. Aos colegas de curso, que me ajudaram no percurso, em especial a Eduarda, que por muito me ouvia falar horas e partilhava o gosto por rock gaúcho comigo. E aos demais amigos que me mostraram que podemos ter mais que uma família para celebrar.

Agradeço, principalmente, o Professor Alexandre Augusti, que me orientou neste trabalho e manteve a paciência no decorrer destes dois semestres. Sem ele, esta pesquisa não teria o mesmo rumo.

Aos demais professores do curso, que somaram em meu processo de graduação e me mostraram porque a área da Comunicação é importante. Um agradecimento especial ao Professor Leandro Ramires, com quem pude cultivar uma linda amizade além de aprender um pouco mais do que é ser jornalista.

Por último, gostaria de agradecer a vida. Aos processos vividos até aqui e ao anseio do que me espera depois. Poder comunicar e me expressar sempre fez muito sentido para mim. A história e o rádio sempre estiveram presentes na minha vida, sendo, lendo um livro de contos ou crescendo ouvindo o noticiário pelas ondas radiofônicas.

Desejo que essa leitura seja surpreendente e cheia de descobertas ao leitor, como foi para mim tê-la escrito.

Boa leitura!

“O medo não pode parar a palavra.”

(Herbert Vianna, músico, em “Polícia”, canção de Legião Urbana.)

RESUMO

O objetivo principal deste trabalho é analisar o papel do rádio como meio de comunicação de massa na fronteira do Rio Grande do Sul durante o período da ditadura militar (1964-1985), avaliando sua influência na formação da opinião pública, disseminação de informações e controle ideológico imposto pelo regime. A monografia utilizará uma abordagem de revisão bibliográfica integrativa, com o objetivo de reunir e analisar estudos que abordem o papel do rádio no contexto da ditadura militar no Brasil, com foco especial na região de fronteira do Rio Grande do Sul. Serão incluídos conteúdos de artigos, livros, teses e dissertações que discutem tanto o uso do rádio pela população quanto seu papel como ferramenta de propaganda e controle pelo regime militar. O rádio foi um dos principais meios de comunicação utilizados pelo regime militar na fronteira do Rio Grande do Sul, desempenhando um papel duplo: ao mesmo tempo em que serviu como ferramenta de propaganda e controle ideológico por parte do governo, também atuou como um canal importante para a população local, especialmente em áreas de fronteira com o Uruguai e a Argentina, onde o acesso à informação era limitado. Com a pesquisa exploratória e entrevistas qualitativas, descobre-se que o rádio permitiu a formação de uma identidade cultural regional, ao mesmo tempo em que foi utilizado para promover a agenda do regime, silenciando vozes dissidentes e difundindo mensagens alinhadas ao governo militar.

Palavras-Chave: Rádio; Ditadura Militar; Disseminação de notícias.

ABSTRACT

The general objective is to analyze the role of radio as a means of mass communication on the border of Rio Grande do Sul during the period of the military dictatorship (1964-1985), assessing its influence in shaping public opinion, disseminating information and the ideological control imposed by the regime. This work will use an integrative bibliographic review approach, with the aim of gathering and analyzing studies that address the role of radio in the context of the military dictatorship in Brazil, with a special focus on the border region of Rio Grande do Sul. It will include articles, books, theses and dissertations that discuss both the use of radio by the population and its role as a tool of propaganda and control by the military regime. Radio was one of the main means of communication used by the military regime on the border of Rio Grande do Sul, playing a dual role: at the same time as it served as a tool of propaganda and ideological control by the government, it also acted as an important channel for the local population, especially in border areas with Uruguay and Argentina, where access to information was limited. Radio enabled the formation of a regional cultural identity, while at the same time it was used to promote the regime's agenda, silencing dissident voices and spreading messages aligned with the military government. Through exploratory research and qualitative interviews, it was discovered that radio enabled the formation of a regional cultural identity, while at the same time it was used to promote the regime's agenda, silencing dissident voices and spreading messages aligned with the military government.

Keywords: Radio; Military Dictatorship; News dissemination.

LISTA DE FIGURAS

Figura - 1: Brizola inspecionando armas de soldados mobilizados na Campanha da Legalidade.....	35
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AI-5 – Ato Institucional Número 5

ARENA – Aliança Renovadora Nacional

CBN – Central Brasileira de Notícias

CIE – Centro de Informações do Exército

DOI-CODI – Destacamento de Operações de Informações - Centro de Operações de Defesa Interna

FM – Frequência Modulada

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Jornal do Brasil – Jornal do Brasil

MPB – Música Popular Brasileira

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

SNI – Serviço Nacional de Informações

TV – Televisão

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 A INFLUÊNCIA DO RÁDIO.....	18
2.1 Rádio em contexto de Ditadura Militar.....	21
2.2 O papel do rádio no interior do Rio Grande do Sul.....	25
2.3 A propagação da Ditadura através do rádio.....	26
3 PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS.....	29
3.1 Coleta de dados.....	30
4 ANÁLISE DE DADOS	32
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS.....	41
APÊNDICE A.....	45
APÊNDICE B.....	49

1 INTRODUÇÃO

O estudo em questão tem como intuito analisar como o veículo rádio se constituiu como um meio de comunicação responsável pela disseminação de informações jornalísticas na fronteira do estado do Rio Grande do Sul, especificamente em Itaqui, São Borja e Uruguaiana. A escolha dessas cidades se deu devido suas importâncias, Itaqui a cidade que eu nasci e vivi, São Borja, onde pude conhecer mais da comunicação e do Jornalismo e Uruguaiana, pois vivem familiares e onde pude cultivar bons amigos. Essas experiências favoreceram o entendimento sobre o tema nas cidades escolhidas, bem como a obtenção de informações para a realização do trabalho.

A proposta tem como objetivo geral entender como o rádio aprimorou a forma de comunicação dos indivíduos em uma época em que o Brasil vivia uma Ditadura Militar, delimitando-se no seguinte problema de pesquisa: de que forma essas informações chegavam até lugares mais afastados dos centros de poder político, como as regiões de fronteira do RS e como as rádios locais mantinham-se em meio a censura ditatorial? Assim, os objetivos específicos abrangem: compreender como as rádios exerceram papel importante nesse contexto, em especial *A Rádio Itaqui, Rádio Charrua e Rádio Cultura*; mapear cidades e fontes que mais foram afetadas pela comunicação e disseminação de notícias; investigar histórias reais de quem acompanhou e/ou trabalhou a cobertura jornalística nesse período.

O presente trabalho tem como justificativa propor uma abordagem abrangente para analisar a influência do rádio na disseminação de informações jornalísticas, fornecendo insights importantes sobre a história, cultura e evolução da mídia na região. Nota-se a mudança que o rádio pode proporcionar para os indivíduos que consumiam suas informações, com a propagação do que estava acontecendo em meio a ditadura militar e como seguiria o Brasil. Neste estudo, mais especificamente, como ele pode levar informações para as regiões fronteiriças do estado do Rio Grande do Sul, como Itaqui, São Borja e Uruguaiana, que já são mais afastadas da capital, Porto Alegre, e, assim, muitas das vezes seus habitantes demoravam a obter qualquer informação.

Como justificativa acadêmica deste trabalho, destacamos a importância do rádio como comunicador primordial na era da Ditadura e como meio jornalístico. Muitos momentos históricos foram anunciados através dele e a própria era ditatorial

usou o meio para anunciar suas campanhas e propagar suas ideologias, assim como a resistência contra a ditadura também usufruiu dele. A relevância do rádio na era da Ditadura transcende sua função convencional de veículo jornalístico. Ele se tornou um instrumento estratégico para moldar a opinião pública, influenciar percepções e, de certa forma, controlar a narrativa.

A investigação começa com a questão principal sobre o papel duplo do rádio como uma ferramenta de controle social e um veículo de propaganda utilizado pelo regime militar, bem como sua função como um meio de resistência e disseminação cultural ao longo da fronteira do Rio Grande do Sul durante a Ditadura Militar. Este foco temático pretende examinar as várias dimensões do rádio dentro desta era de repressão.

As principais bases de dados acadêmicas, incluindo SciELO, LILACS, Google Acadêmico e vários repositórios universitários, foram utilizadas para conduzir a pesquisa bibliográfica. Os descritores empregados abrangeram "rádio durante a ditadura militar", "comunicação na fronteira" e "propaganda política", com foco em artigos publicados de 1960 a 2023. Esta revisão buscou identificar pesquisas que examinaram o rádio como meio de comunicação durante o regime militar, particularmente na área da fronteira sul.

A partir disto, realizei mais pesquisas e obtive textos que me auxiliaram na obtenção desta pesquisa e na análise de dados. Assim, a pesquisa que compõe o Estado da Arte deste trabalho foi efetuada através de buscas por palavras-chave que estão diretamente ligadas a esta pesquisa. A busca foi realizada através de repositórios acadêmicos, evidenciando: Google Acadêmico, Banco de teses e dissertações da CAPES, Portal de Periódicos UNB, Repositório Digital da UFSM e Repositório Digital LUME da UFRGS. A sondagem dos títulos foi realizada entre os dias 20 e 30 de abril de 2023 e circula em **Rádio e Ditadura Militar** e **Ditadura e meios de comunicação**.

Para a realização da busca de pesquisa pelo Google Acadêmico, utilizamos os termos **Rádio e ditadura militar**, **Ditadura e meios de comunicação**, ambos no período de 2016 a 2023, e sempre sem a utilização de aspas, para reduzir adequadamente as buscas, tendo em vista que textos muito antigos eram encontrados, sendo muitos resultados. A escolha do período de anos se deu, pois na maioria dos repositórios, os resultados possuíam títulos de anos muitos distantes do atual, assim, para minimizar ainda mais as buscas, procurei começar do ano de

2016. No primeiro termo, foram encontrados 29.700 resultados na busca, enquanto no segundo, o número de resultados se deu em 66.900 resultados.

Para o primeiro termo, foi lido da página 1 a 4, principais páginas da plataforma devido ao seu grande número de títulos e procurou-se ler uma quantidade significativa das produções mais relevantes para essa pesquisa, são eles: *Censura e repressão nas ondas do rádio O rádio sem onda: convergência digital e novos desafios na radiodifusão*; *História e Memória: O rádio por seus locutores*; *O livro Programa de saúde : um caso de censura durante a ditadura militar brasileira, Rádio Nacional, o Brasil em sintonia*; *O Rádio e as Matemáticas: um estudo sobre o Projeto Minerva*; *Rádio no Rio Grande do Sul: anos 20, 30 e 40: dos pioneiros às emissoras comerciais*.

No segundo termo, seguindo o mesmo padrão, também leu-se da página 1 a 4, as seguintes obras: *História política e ditadura militar, Indústria cultural e ditadura militar no Brasil dos anos 70*; *A censura política à imprensa na ditadura militar: fundamentos e controvérsias*.

Em sequência, no repositório da CAPES, as buscas foram um pouco diferentes. A pesquisa foi feita a partir dos anos de 2004 a 2016 e foram encontrados 14 resultados para o primeiro termo e 62 no segundo termo. Seguindo o primeiro termo, apenas uma página estava disponível, e dela, foram lidos as seguintes obras relacionadas a essa pesquisa: “*A radiodifusão no Brasil e a ditadura militar : o governo Médici*”; “*Projeto Minerva: Rádio Educativo No Contexto Da Ditadura Militar*”; “*A censura ao jornal O São Paulo durante a ditadura militar (1964-1985): desafio à evangelização na cidade de São Paulo*”; “*O Latifúndio Do Ar (Mídia e Poder na Nova República)*”.

Já no segundo termo, pelo alcance nas buscas ter sido maior, foram lidos textos da página 1 a 4, sendo eles: “*Nossos Comerciais, Por Favor! " O Programa Flávio Cavalcanti e a escola superior de guerra - Década de 1970*”.; “*Do autoritarismo à democracia? Um estudo dos processos de transição no Brasil (1945 e 1984)*”; “*Entre a palavra e a ação: Uma análise de O Debate e do fazer jornalístico no interior do Paraná durante a ditadura militar brasileira (1964-1976)*”; “*Jornal O Diário: A censura e o papel da publicidade nos anos de chumbo (1968-1974)*”;

No Repositório Digital da UFMS a busca continuou em torno desses dois termos, seguindo o sistema de ler os textos da página 1 a 4, devido ao seu volume de obras. Um pouco diferente dos outros repositórios, esse, não foi possível

selecionar os anos específicos para pesquisa, pois o Repositório da UFSM, apenas permite realizar a busca com os anos que ele fornece. Foram encontrados, com o termo **Rádio e ditadura militar**, um total de 709 resultados, entre eles selecionamos: *“Os Caminhos do Pampa: São Borja em tempos de ditadura civil-militar - (1964-1976)”*; *“Participação política e censura: o cotidiano dos radialistas de Santa Maria, durante os Anos de Chumbo (1968-1974)”*; *“Rádios comunitárias e mobilização social: um estudo sobre as estratégias comunicacionais da Rádio Com FM, de Pelotas - RS”*; *““A palavra corta”: a doutrina de Segurança Nacional e os trâmites político-jurídicos utilizados para silenciar a música popular brasileira no período ditatorial civil-militar”*; *“Revista “Realidade” e ditadura civil-militar: análise dos perfis de Luiz Fernando Mercadante sobre os líderes do governo ditatorial (1966-1970)”*; *“Movimento estudantil e ditadura civil-militar em Santa Maria (1964-1968), As redes sociais no jornalismo radiofônico: as estratégias interativas adotadas pelas rádios Gaúcha e CBN”*; *“Memórias (com)partilhadas: o caso do brizolismo em São Sepé - RS”*.

Com o segundo termo, **Ditadura e meios de comunicação**, foram encontrados um total de 1772 resultados e lidos os resumos dos textos da página 1 a 4, seguindo o mesmo padrão dos demais. Os títulos encontrados foram: *“Acervos da ditadura: um estudo sobre a disponibilização no Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul”*; *“O patrimônio documental da ditadura militar brasileira: o papel das assessorias de segurança e informações no contexto das universidades”*; *“Revista “Realidade” e ditadura civil-militar: análise dos perfis de Luiz Fernando Mercadante sobre os líderes do governo ditatorial (1966-1970)”*.

Já no Repositório Digital da LUME, a pesquisa do Estado da Arte se fez um pouco diferente, sendo pesquisado apenas um termo, **Ditadura e meios de comunicação**, sem o uso de aspas para qualquer pesquisa. O Repositório apresentou 8915 resultados de busca e os conteúdos foram lidos apenas da página 1 a 4, devido ao grande volume de obras, nos quais destacam-se: *“A ditadura brasileira na imprensa santamariense”*; *“Censura e imprensa na ditadura militar brasileira : o golpe de Estado chileno pelas páginas do Correio do Povo e Zero Hora (setembro de 1973)”*; *“De quanta memória precisa uma democracia? : uma reflexão sobre as relações entre práticas memoriais e práticas democráticas no Brasil atual”*; *“A ditadura civil-militar brasileira nas ondas do rádio : os comentários de Lauro Mathias Müller no programa Comentário de Frente, na Rádio Independente de*

Lajeado (1964-68)”; “*A ditadura militar no Brasil e o controle da informação : relatos de censura nas bibliotecas da UFRGS*”, “*Os "zeladores" da democracia : ação democrática renovadora : um alicerce da ditadura civil-militar no Rio Grande do Sul*”.

Na plataforma de Periódicos da UNB também se procedeu de uma forma diferente, a busca foi feita apenas pelo título **Rádio e ditadura militar**, a partir do ano de 2000 até 2023, teve apenas 5 resultados, no qual apenas um fazia parte da vertente desta pesquisa, o título: “*Os Nacionalismos na ondas de rádio*”.

Destes títulos encontrados em todos os bancos de dados, foram lidos os resumos, apenas daqueles que fazem parte e possuem total relação com esta pesquisa, abdicando dos demais textos que desviam-se da proposta.

Assim, para o tópico **Rádio e Ditadura Militar**, os textos escolhidos para estudo deste trabalho foram: “Censura e Repressão nas ondas de rádio” de Rafaela Clezar (2021); “A radiodifusão no Brasil e a ditadura militar : o governo Médici.” de Mauricio Ferreira de Souza (2007); “Rádio e Ditadura Militar: memórias de uma rádio em cidade fronteiriça” de Wesley Grijó, Camila Cananea, Filipe Fernandes, Vera Santos e Thiara Tezza (2015); “A DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA NAS ONDAS DO RÁDIO: os comentários de Lauro Mathias Müller no programa Comentário de Frente, na Rádio Independente de Lajeado (1964-68)” de Lucas Becker Delwing (2018); “O golpe de 1964 e a institucionalização da indústria de radiodifusão sonora gaúcha” de Luiz Artur Ferraretto (2007).

Já para o tópico **Ditadura e meios de comunicação**, foram escolhidos os seguintes títulos: “A influência da mídia no período ditatorial brasileiro” de Bruna de Oliveira Andrade (2015); “Os caminhos do Pampa: São Borja em tempos de Ditadura Civil-Militar- (1964-1976)” de Camila de Almeida Silva (2023); “As rádios públicas brasileiras e o Golpe de 64: principais estações e seus contextos históricos no período de instauração da ditadura.” de Guilherme Longo (2014); “Censura e ditadura no Brasil, do golpe à transição democrática, 1964-1988.” de Marcelo Ridenti (2018); “A ditadura civil-militar brasileira nas ondas do rádio : os comentários de Lauro Mathias Müller no programa Comentário de Frente, na Rádio Independente de Lajeado (1964-68)” de Lucas Becker (2018).

Após a busca preliminar, os estudos foram escolhidos de acordo com critérios de inclusão específicos, que compreendem relevância temática e uma conexão direta com a utilização do rádio em contexto de Ditadura Militar e disseminação de notícias para áreas de fronteira, especificamente, Itaqui, São Borja e Uruguaiana.

Artigos que não forneceram dados pertinentes ou ficaram fora dos parâmetros da pesquisa foram omitidos. Este método garantiu a qualidade e concentração dos materiais analisados.

Os dados da revisão de literatura foram sistematicamente organizados e classificados em categorias temáticas, incluindo "rádio e censura", "rádio e resistência" e "impacto cultural do rádio". Além disso, as entrevistas qualitativas passaram por análise de conteúdo com o objetivo de identificar padrões, temas recorrentes e as experiências variadas dos entrevistados em relação ao rádio na região de fronteira do Rio Grande do Sul.

Os achados derivados da revisão de literatura e das entrevistas qualitativas foram sintetizados e contrastados para fornecer uma perspectiva completa e crítica sobre a função do rádio durante a Ditadura Militar. Essa integração metodológica facilitou uma análise mais profunda, levando em consideração tanto as estruturas teóricas quanto os testemunhos práticos, revelando assim a complexa influência do rádio neste contexto específico.

2 A INFLUÊNCIA DO RÁDIO

Em 7 de setembro de 1922, o Brasil inaugurou oficialmente o rádio durante as comemorações do centenário de sua Independência, mas logo o equipamento que o transmitia, no topo do Corcovado, no estado do Rio de Janeiro, foi retirado. Segundo Silva (2022), foi somente no ano seguinte que a primeira estação de rádio foi fundada, “a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro criada por Roquette Pinto e Henrique Morize, com o slogan ‘trabalhar pela cultura dos que vivem em nossa terra e pelo progresso do Brasil.’” (SILVA, 2022).

Durante as primeiras estações de rádio da década de 1920, o meio era empregado para promover iniciativas educacionais e culturais. Naquela época, essas estações se abstiveram de exibir comerciais ou anúncios, pois seu objetivo principal era promover os esforços culturais da elite social do Brasil. Conhecidas como "rádios clubes" essas estações foram criadas por indivíduos com recursos financeiros que, além de apoiar as estações, contribuíram com suas coleções pessoais de discos. Isso se deveu em grande parte à falta de intenção do estado de monopolizar as transmissões ou torná-las públicas (AMARANTE; VARELA, 2016).

A manutenção da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro dependia de mensalidades contribuídas por ouvintes filiados. Esses pagamentos, juntamente com doações de entidades públicas e privadas, garantiam a sustentabilidade da estação, já que a publicidade continuava proibida naquela época, como destaca Ruas (2002):

As rádios se mantinham por meio de eventuais doações de empresas públicas e privadas, e de mensalidades pagas pelos possuidores de aparelhos receptores. Assim, apelos constantes eram feitos no sentido de conseguir a adesão de um número cada vez maior de sócios, de modo a manter as transmissões. (RUAS, 2002, p.34)

Em 1936, Roquette Pinto legou a estação de rádio ao Ministério da Educação, que atualmente é chamada de Rádio MEC. A fase comercial começou em 1932, após a aprovação de uma legislação que permitia que 10% da programação incluísse anúncios. Isso marcou uma mudança da natureza elitista do rádio para um formato mais acessível, visando envolver um público mais amplo (RUAS, 2002).

A década de 1930 representou o auge do rádio como meio de comunicação de massa, refletindo as mudanças significativas que ocorriam no país. Com a introdução da publicidade, as emissoras buscaram se posicionar como entidades competitivas no mercado, como colocado neste trecho, por Ruas (2002):

A partir do Decreto nº 21.111 de 01 de março de 1932, surgiu o tipo de radiodifusão mais comum no Brasil: a radiodifusão comercial, cuja autorização para a veiculação de propaganda (mensagens publicitárias) provocou grande mudança no conteúdo do rádio, que até então era erudito, instrutivo e cultural, tornando-se agora veículo de lazer e diversão. (RUAS, 2002, p.35).

Essa competição abrangeu três elementos-chave: avanços na tecnologia, o status das emissoras e a popularidade do público. Nessa era, três importantes estações de rádio foram fundadas no Brasil: a Rádio Record em São Paulo, fundada em 1931; a Rádio Nacional no Rio de Janeiro, lançada em 1936; e a Rádio Tupi em São Paulo, que começou a operar em 1937. “Antes disso, o Brasil já havia visto o estabelecimento de 29 estações de rádio, atendendo principalmente a um público de elite (KNOB, 2023).

O programa de notícias de rádio público A Voz do Brasil foi criado em 22 de julho de 1935 e continua a operar hoje, fornecendo principalmente informações sobre o governo brasileiro e sua política. Este programa ocupa um lugar significativo

na história da radiodifusão brasileira, sendo reconhecido como o programa de rádio mais antigo do país. Sua transmissão é obrigatória pelo Código Brasileiro de Telecomunicações. Inicialmente lançado com o objetivo de promover ideias governamentais, o programa foi originalmente intitulado "Programa Nacional". Em 1938, foi renomeado como "A Hora do Brasil" e, em 1971, adotou o nome que mantém até hoje (GRIJÓ et al., 2019).

A década de 1940 marcou a "Era de Ouro" da rádio. Durante este período, a programação mudou de um foco educacional e elitista para um apelo mais popular, destacado pela introdução de índices de audiência por meio do Ibope. A linguagem usada no rádio tornou-se mais direta e acessível, facilitando maior compreensão à medida que a programação se expandia em variedade. Nas décadas de 1930 e 1940, as transmissões de música popular apresentaram estrelas como Carmen Miranda e Orlando Silva, ao lado de artistas como Chico Anysio e Abelardo Barbosa (Chacrinha). No campo do radiojornalismo, o Repórter Esso estreou em 1941, rapidamente se estabelecendo como o mais significativo programa de notícias de rádio brasileiro, com ênfase em eventos internacionais, incluindo, a Guerra do Vietnã e a Copa do Mundo, como justifica Klockner (2008), "Nos anos de estréia, o Repórter Esso constituiu-se no principal arauto da difusão das notícias da Segunda Grande Guerra (1939-1945) e de conflitos mundiais que se sucederam." (KLOCKNER, 2008, p.3).

Durante o período da Ditadura Militar, as estações de rádio AM enfrentaram censura e manipulação ideológica, pois eram percebidas como subversivas e potencialmente suscetíveis. Por outro lado, a promulgação do Ato Institucional Número 5 fomentou o crescimento do rádio FM, que adotou um formato musical e, como tal, não representava uma ameaça ao governo (CLEZAR; VITALI, 2019).

Enquanto as estações de rádio AM continuaram a desfrutar de popularidade significativa, a segunda metade da década de 1970 testemunhou um aumento na proeminência do rádio FM. Em 1977, a Eldorado FM e a Excelsior FM começaram a se aprofundar no formato de "estação de rock", enquanto a Rádio Cidade no Rio de Janeiro introduziu um estilo pop vibrante e diverso. O formato popular começou a tomar forma na FM, com a 98 FM do Rio de Janeiro emergindo como uma das pioneiras neste gênero (COSTA, 2006).

A partir da década de 1990, uma revolução tecnológica transformou o rádio, impulsionada pelo advento dos telefones celulares e da internet, que alterou as

práticas tradicionais de rádio. O principal avanço foi a digitalização, impactando tanto a produção quanto os métodos de transmissão e recepção, permitindo assim a ampla distribuição de conteúdo. Tecnologias avançadas tornaram o rádio disponível em diversas plataformas, incluindo tocadores de mp3, celulares e internet, melhorando significativamente a acessibilidade pública (AGUILAR; ALVES, 2022).

Assim, neste tópico, a história do rádio e sua influência destacam-se pelos seus respectivos anos, expondo seus anos dourados no Brasil. Desta forma, o capítulo a seguir, aborda o veículo rádio no cenário da Ditadura Militar no país, introduzindo-se para as áreas de fronteira do Rio Grande do Sul, onde segue a linha desta pesquisa.

2.1 Rádio em contexto de Ditadura Militar

Durante o período da ditadura militar no Brasil, de 1964 a 1985, o rádio surgiu como um meio vital de comunicação, particularmente nas regiões de fronteira do Rio Grande do Sul. Grijó et al. (2019) ilustram que o rádio não só funcionou como um meio para a distribuição de notícias e entretenimento, mas também evoluiu para um mecanismo de controle e resistência, encapsulando as complexidades e desafios daquela época. O regime impôs medidas rigorosas de censura destinadas a regular o conteúdo da mídia e suprimir vozes dissidentes. Conforme observado por Clezar e Vitali (2019), o rádio, devido ao seu amplo alcance dentro das comunidades locais, tornou-se um alvo primário da censura, especialmente em regiões rurais e de fronteira, onde serviu como a principal fonte de informação para uma parcela significativa da população.

A censura foi um dos meios adotados pelo regime militar para evitar qualquer tipo de informação contrária ao governo. No Rio Grande do Sul, as rádios passavam pelo crivo dos censores, notícias e músicas deveriam ser avaliadas pelos programadores, locutores e operadores antes de serem colocadas no ar. (CLEZAR E VITALI, 2019, p.9).

A censura impôs restrições à liberdade de imprensa, limitando a transmissão de notícias e informações que pudessem desafiar o governo. Vários jornalistas e radialistas enfrentaram a suspensão ou supervisão direta de seus programas por agentes do regime militar, o que diminuiu as oportunidades de discurso político e o compartilhamento de ideias contrárias ao governo. As circunstâncias foram

particularmente severas em áreas como o Rio Grande do Sul, devido à sua proximidade com nações com seus próprios regimes autoritários, incluindo Argentina e Uruguai. A regulamentação do conteúdo do rádio surgiu como uma abordagem estratégica para manter a ordem social e impedir a proliferação do que eram consideradas ideias subversivas.

Por outro lado, o rádio serviu como uma ferramenta vital de resistência para vários grupos que buscavam contornar a censura imposta pelo regime. Apesar de estarem sob vigilância, jornalistas e produtores de rádio criaram métodos para transmitir mensagens codificadas ou críticas sutis ao governo. Esses programas de rádio surgiram como canais de comunicação vitais para aqueles excluídos da rede oficial de informações, garantindo que informações essenciais, embora limitadas, chegassem à população. Além disso, a disseminação de músicas com mensagens de desafio representava uma das estratégias empregadas para contestar a censura, conforme ilustrado por Grijó et al. (2019), que enfatizam o papel significativo das estações de rádio em cidades fronteiriças durante o regime militar.

Durante o período da ditadura, a importância do rádio nas áreas rurais do Rio Grande do Sul, particularmente nas cidades fronteiriças, foi ainda mais pronunciada. A população local, frequentemente isolada geograficamente e com acesso restrito a canais de comunicação alternativos, dependia predominantemente do rádio para suas necessidades de informação. Embora o rádio local estivesse sob o controle do regime, ele foi fundamental na preservação da cultura e no reforço da identidade da comunidade, conforme destacado por Massaia (2023). Além de transmitir mensagens do governo, o rádio também funcionou como um meio de entretenimento e sustentação das tradições culturais locais.

O rádio também foi fundamental para a difusão de informações e a promoção de conversas sociais, atuando como importante meio de comunicação durante momentos cruciais, como guerras e crises, transmitindo notícias em tempo real e ajudando o público a se conectar. (MASSAIA, 2023, p.18).

Durante a ditadura militar, o rádio surgiu como um meio primário de comunicação ao longo da fronteira do Rio Grande do Sul. Sua importância decorre de sua dupla função como uma ferramenta de controle e censura empregada pelo regime, bem como seu papel vital em promover a resistência e preservar a cultura dentro das comunidades locais. Apesar de existirem sob vigilância constante, tanto

as estações de rádio comunitárias quanto as comerciais exerciam considerável influência, unindo populações isoladas e agindo como um canal entre a sociedade civil e as tensões políticas daquela época.

O estabelecimento da primeira estação de rádio do Brasil na década de 1920 trouxe transformações substanciais na dinâmica social e política do país em relação à comunicação de massa. O impacto do rádio na política brasileira é irrefutável. (KNOB, 2023, p.8). Para Getúlio Vargas, o então presidente, natural de São Borja, o rádio foi de suma importância para o avanço de sua administração, pois facilitou a promoção das realizações do governo e, ao mesmo tempo, aumentou a visibilidade do líder do Executivo nacional. Conseqüentemente, isso marcou o início de uma nova abordagem política, que também representou um novo domínio econômico. Os processos de troca e mediação de informações (produção e reprodução) evoluíram para uma estrutura ideológica.

O site Memórias da Ditadura (2022), conta um pedaço da história, onde o rádio surgiu como um dos meios de comunicação mais acessíveis e amplamente utilizados, principalmente em regiões de fronteira como o Rio Grande do Sul, na era da Ditadura Militar. Sua capacidade de se conectar com populações remotas e moldar a opinião pública tornou o rádio instrumental tanto na propagação das mensagens do regime quanto na preservação das tradições culturais locais:

Durante o regime militar, foi veículo de programas diversificados, como radionovelas, jornais falados, programas musicais e de variedades. Sua popularidade era tanta que o governo militar também utilizou o rádio para disseminar suas propagandas e programas oficiais para além das funções que o rádio já exercia no cotidiano nacional.(MEMÓRIAS DA DITADURA, 2022).

Esta pesquisa é justificada pela necessidade de compreender o impacto do rádio na dinâmica política, social e cultural da área de fronteira, bem como examinar as várias manifestações de controle e resistência que surgiram por meio deste meio de comunicação. Conforme observado pelo autor Amassaia (2023), “A influência do progresso tecnológico no rádio como meio de comunicação de massa foi examinada em diversos domínios, abrangendo tanto o discurso acadêmico quanto às perspectivas de profissionais de mercado.”

O aumento na gravação e transmissão de arquivos de áudio pela Internet complementa a transformação digital das emissoras que recentemente fizeram a

transição do rádio para um formato online, equipando-o com uma capacidade multimídia. Essa mudança inicialmente provocou sentimentos de estranheza, surpresa e desconforto entre os profissionais de rádio. A inovação contínua das tecnologias gera uma sensação de agitação na compreensão dos avanços, levando à percepção de que o ritmo do mundo está acelerando a cada dia que passa.

O vasto volume de informações produzidas a cada dia, juntamente com a acessibilidade oferecida pela Internet, é significativamente aprimorado pela influência da mídia. A ampla publicidade associada a novas invenções e descobertas contribui para a ansiedade experimentada pela população. Este recurso conhecido como Internet não apenas eleva a quantidade, mas também melhora a qualidade dos serviços, conteúdo e distribuição de transmissões de rádio (KNOB, 2023).

Embora a importância do rádio na distribuição de informações e na manutenção da ordem social durante a Ditadura Militar seja bem reconhecida, uma análise completa de seu papel ao longo da fronteira do Rio Grande do Sul continua faltando. Este estudo se concentra principalmente na análise da utilização do rádio como um meio para o regime militar disseminar ideologias, bem como sua função para a população como um instrumento de resistência e preservação cultural. Além disso, é essencial considerar como os atributos geográficos e políticos da região afetaram tanto a aplicação quanto a influência do rádio durante esta era, como aborda Massaia (2023):

Com isso, reconhecer a importância fundamental do rádio como meio de comunicação e contribuição para a preservação da cultura da localidade abordada, correlatada com a origem imigratória de sua população, guia o horizonte da pesquisa realizada.

Assim, o próximo capítulo desta monografia irá abordar sobre a importância das rádios comunitárias para os municípios do estado, assim como, sua influência, desenvolvimento e seu papel na formação de opinião pública de seus ouvintes. Concluindo que o papel dessas rádios, não se limitava somente ao acesso de informação, mas também ao conhecimento jornalístico, musical e para prestação de serviços a essas comunidades.

2.2 O papel do rádio no interior do Rio Grande Do Sul

O papel do rádio no interior do Rio Grande do Sul tem sido, e continua sendo, essencial para promover a comunicação e a integração entre as comunidades. Este tópico concentra-se em Estações de Rádio Comunitárias situadas nos municípios que abrangem o estado, mudando um pouco o foco das cidades escolhidas nesta pesquisa, para conhecer histórias de outras rádios, com o objetivo principal é analisar o desenvolvimento, a estrutura e a influência dessas estações de rádio em suas respectivas comunidades locais.

Desde sua criação, o rádio tem mantido um papel significativo e duradouro no interior do Rio Grande do Sul. Notavelmente, a região noroeste do estado tem consistentemente apresentado estações comerciais de longa data. Uma das mais antigas na parte norte do estado é a Rádio Cacique 630 AM, que foi fundada em 1948 em Lagoa Vermelha. Outras estações de destaque incluem a Rádio Fátima 580 AM, fundada em 1967 em Vacaria; possui excelente qualidade sonora e alcance de 10 quilowatts, atendendo 36 municípios do estado e sete de Santa Catarina. Além disso, há a Rádio Sananduva AM 990, que iniciou suas operações em 1979, e a Rádio Tapejara AM 1530 Khz, que começou a transmitir em 1982 em Tapejara (SILVA, 2022; KNOB, 2023).

O papel fundamental das estações pioneiras, ficou evidente durante um período em que as comunidades do interior enfrentavam acesso restrito a fontes alternativas de informação. Essas estações tiveram um impacto social e cultural considerável, acompanhando o crescimento e desenvolvimento dessas regiões. Em particular, o rádio surgiu como uma ferramenta potente para reforçar iniciativas locais em vários domínios, como atividades sociais, culturais, esportivas e recreativas.

Inicialmente, o rádio serviu como um elo essencial para as comunidades mais isoladas que residiam em áreas distantes com acesso limitado ou nenhum acesso a notícias e eventos sociais. A programação enfatizava jornalismo, prestação de serviços e segmentos musicais, proporcionando entretenimento e informação. Para vários indivíduos, o rádio representava sua única conexão com o mundo externo, funcionando como um companheiro diário e uma fonte significativa de educação.

Fatores culturais e geográficos elucidam o impacto significativo do rádio. A prevalência de uma longa tradição oral, as distâncias consideráveis que separam as comunidades e as elevadas taxas de analfabetismo contribuíram para o amplo alcance e importância das transmissões de rádio. Apesar da evolução das tecnologias de comunicação ao longo do tempo, o rádio mantém um papel vital, principalmente entre as populações rurais e os idosos, como destacado por Massaia (2023):

Embora o streaming tenha representado desafios para as estações de rádio, também abriu oportunidades para inovação e colaboração. As estações de rádio possuíam a chance de se adaptar, explorando parcerias com essas plataformas para transmitir a rádio ao vivo ou disponibilizar o conteúdo gravado, permitindo que o ouvinte ouça no horário que desejar. (MASSAIA, 2023, p.9).

Essas rádios comunitárias não apenas preservam a tradição do rádio como meio de comunicação no interior do estado, mas também se adaptam aos avanços da tecnologia. Um número significativo dessas emissoras estabeleceu presença on-line por meio de sites, blogs e plataformas de streaming, oferecendo a mesma programação das rádios na Internet. Essa adaptação amplia seu público e facilita o aumento do engajamento comunitário (SOUSA et al., 2021).

Deste modo, a influência do rádio, principalmente nas regiões fronteiriças, do interior do Rio Grande do Sul é evidente. Desde suas transmissões iniciais, o rádio tem servido consistentemente como um veículo de força coesa fazendo uma conexão entre comunidades, evoluindo para as rádios comunitárias contemporâneas. Ele facilita as conexões entre indivíduos, oferece entretenimento, educação e informação e continua sendo um componente vital da vida cotidiana no interior do estado.

2.3 A propagação da ditadura através do rádio

Numerosas ocorrências significativas caracterizaram a década de 1960, tanto no Brasil quanto globalmente, menciona Clezar e Vitali (2019), “A época (1964-1985) marcou a instauração de vários atos institucionais, entres eles a censura, a perseguição política e a repressão aos contrários ao regime militar.” Durante esse período, o mundo estava entrincheirado na Guerra Fria, com os Estados Unidos

emergindo como a potência predominante. No Brasil, João Belchior Marques Goulart, conhecido como Jango, assumiu a presidência, defendendo os ideais trabalhistas. Para evitar uma guerra civil com os militares, ele deixou o cargo e o país em 1964, pouco antes do golpe militar que assumiu o controle em 1º de abril. “Esse regime rapidamente apreendeu vários meios de comunicação, que foram submetidos à censura em poucas horas.” (SILVA, 2022). O choque experimentado pelos profissionais da mídia foi superado apenas pelo da população em geral, que não apenas lutou para compreender os eventos que se desenrolavam, mas também não teve acesso às informações normalmente disseminadas pelo rádio, jornais e televisão.

O "Esso Reporter", um programa de notícias de rádio convencional da época, não conseguiu transmitir sua edição inaugural, devido a redação estar com a presença de militares declarando que todo o conteúdo estava sujeito à censura. Conseqüentemente, apesar das inúmeras perguntas de ouvintes preocupados, o programa exibiu apenas sua segunda edição. Dispondo de significativo prestígio dentro da comunidade, o Repórter Esso se esforçou para evitar provocar os militares em 1964, o programa seguia dentro de suas bases, uma rotina de conteúdos jornalísticos fiel ao que sempre pregaram, sobre a organização, destaca Klockner (2008):

A organização fordista da notícia, as maneiras de captar a informação e transformá-la em notícia têm seguidores até hoje. Porém, as normas difundidas sempre levam em consideração, pelo menos no caso do Esso, as fontes oficiais, quando, atualmente, qualquer pessoa ou o cidadão comum, como muitas empresas denominam, também pode (e deve) ser a fonte oficial de uma informação.(KLOCKNER, 2008, p.8).

Já o programa de televisão Jornal de Vanguarda, que recebeu o prestigioso prêmio internacional "Ondas", transformou o cenário da transmissão de notícias durante sua era por meio de sua abordagem inovadora e dinâmica. No entanto, acabou sucumbindo à pressão governamental, que insistia que as notícias fossem apresentadas na íntegra, desprovidas da crítica jornalística que caracterizava o programa. Conseqüentemente, os produtores optaram por encerrar o projeto, pois estava divergindo de seus objetivos originais (AMARANTE; VARELA, 2016).

Assim, os meios de comunicação que suportaram os anos de censura anterior até sua conclusão foram obrigados a se ajustar às limitações estabelecidas pelo governo em relação ao conteúdo que disseminavam. Um censor, conhecido como a

“voz da censura”, “de ordem superior” ou “observador da ordem”, avaliava a programação e as notícias e entrava em contato com as redações para exigir o cancelamento de notícias ou histórias específicas. Desde sua origem, as emissoras aderiram a essas diretrizes, pois o governo tinha o poder de revogar licenças de rádio e eliminar a programação de televisão do ar se considerasse as transmissões insatisfatórias. Salienta essa informação, Aguilar e Alves (2022):

Em países com regimes democráticos ou totalitários, o uso desses sistemas de comunicação foi intenso desde os primórdios, se tornando o principal meio de formação da opinião pública, do debate político, e de entendimento das relações internacionais. (AGUILAR E ALVES, 2022, p.5).

Considerado uma plataforma significativa de mídia de massa, o rádio, ao lado da televisão, serviu como um dos principais promotores da música naquela época. Os letristas criavam as músicas, enquanto uma agência de censura determinava a permissibilidade de sua transmissão. Uma vez autorizada, essa música apareceria rapidamente em estações de rádio em todo o Brasil. Artistas notáveis como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Tom Zé e Geraldo Vandré enfrentaram censura militar por descumprimento de normas estabelecidas ou por supostamente prejudicarem a reputação do país, das mulheres e do presidente. Conforme Clezar e Vitali (2019, p.7), “A época (1964-1985) marcou a instauração de vários atos institucionais, entre eles a censura, a perseguição política e a repressão aos contrários ao regime militar.”

Músicas movidas por motivações políticas só seriam transmitidas se favorecessem o Estado; caso contrário, enfrentariam a proibição. Nesse contexto, vários artistas se viram no exílio, seja por escolha ou compulsão, enquanto alguns conseguiram produzir músicas "mascaradas" que criticavam o governo. Outros escritores, como o poeta Patativa do Assaré, expressaram sua oposição à ditadura sem enfrentar a prisão. Em seus versos sobre o Golpe Militar, ele expressou: “Com atenção apelo/Ao Juiz supremo/Por um único castelo/Nunca construí outro castelo/ (...) Ele me prometeu um tesouro/Todo belo e todo honesto/E em vez de um castelo de ouro/Ele me deu um Castelo Branco” (RUAS, 2002).

Conseqüentemente, o período de ditadura no Brasil, apesar dos avanços tecnológicos que introduziu, impôs severas limitações e penalidades à mídia. Isso transformou significativamente o cenário do jornalismo no rádio e na televisão, mudando o foco para as notícias em si e para longe das narrativas pessoais e

opinativas anteriormente prevalentes. Essas organizações de mídia enfrentaram maiores restrições administrativas em sua programação devido à sua dependência de contratos governamentais para operação. “A ameaça de repercussões tanto para as empresas quanto para seu pessoal serviu como um poderoso motivador para a censura prévia, que persistiu por muitos anos durante o regime militar, até a liberalização gradual e cautelosa iniciada pelo presidente Ernesto Geisel” (SOUSA et al., 2021; PEREIRA, 2019).

Portanto, os anos de militarismo afetaram cada canto do país, não somente nos veículos comunicacionais, como também na disseminação de informações e na opinião de cada indivíduo, onde muitos, não tinham condições de expressá-la. Assim, este capítulo retoma a ideia que abrange esta linha de pesquisa: o rádio foi um dos principais meios utilizados para provocar impacto na comunicação e na formação de opinião pública, juntamente com a propagação a cultura brasileira.

3 PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS DA PESQUISA

Esta pesquisa emprega uma estrutura metodológica que consiste em uma pesquisa bibliográfica, exploratória e descritiva com entrevistas qualitativas. O objetivo da revisão bibliográfica é coletar e avaliar criticamente os estudos existentes sobre a função do rádio durante a Ditadura Militar na região do Rio Grande do Sul. Segundo Gil, a pesquisa bibliográfica:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas (GIL, 2008, p.44).

Para Gil (2008) a pesquisa exploratória é uma modalidade que visa proporcionar maior familiaridade com o problema investigado, com o objetivo de torná-lo mais explícito ou construir situações, “a pesquisa exploratória tem como objetivo principal desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, com vistas à formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos

posteriores.” (GIL, 2008, p. 27). A descritiva tem como objetivo a apresentação e explicação das características de estipulado evento ou relações estabelecidas entre variáveis. Portanto, podemos afirmar que o presente estudo também é de cunho exploratório e descritivo. Diante disto, esta monografia sustenta-se em artigos, livros e teses como referenciais teóricos, para melhor discutir e detalhar o tema central, que é: o rádio como um dos principais meios de comunicação na era da Ditadura Militar na fronteira do Rio Grande do Sul. Desta forma, podendo haver flexibilidade em entender o objeto de estudo e uso variado de fontes, como levantamento bibliográfico, entrevistas com profissionais de rádio e análise de exemplos práticos.

Juntamente com a revisão bibliográfica, foram realizadas entrevistas qualitativas com indivíduos que tiveram experiência direta com o uso do rádio na fronteira do Rio Grande do Sul durante a Ditadura Militar, além de consultas com especialistas em comunicação e história. O formato semiestruturado das entrevistas facilitou uma exploração flexível, mas completa, de questões pertinentes, garantindo assim a aquisição de dados abrangentes e detalhados.

Além disso, as entrevistas qualitativas, que se encontram no próximo capítulo desta monografia, passaram por análise de conteúdo com o objetivo de identificar padrões, temas recorrentes e as experiências variadas dos entrevistados em relação ao rádio na região de fronteira do Rio Grande do Sul.

3.1 Coleta de dados

Como abordado no início deste capítulo, esta monografia possui entrevistas qualitativas semiestruturadas, as quais facilitam uma análise abrangente e coleta de dados, ao documentar experiências e percepções em primeira mão relacionadas à influência do rádio dentro deste cenário histórico e geográfico específico. Segundo Minayo (2010), “esse tipo de método, além de permitir desvelar processos ainda pouco conhecidos referente a grupos particulares, propicia a construção de novas abordagens, revisão e criação de novos conceitos durante a investigação.” (MINAYO, 2010, p. 57) .

As entrevistas semiestruturadas, segundo Laville e Dionne (1999), permitem a ampla abertura do convidado, tornando assim, as respostas mais autênticas através de perguntas feitas oralmente, roteirizada, mas que podem ou não seguir uma

ordem prevista, fazendo assim, que outras perguntas possam ser acrescentadas ao decorrer da entrevista. Seguindo essa linha, Laville e Dionne (1999), expõem:

A entrevista semi-estruturada oferece maior amplitude na coleta dos dados, bem como uma maior organização: esta não estando mais irremediavelmente presa a um documento entregue a cada um dos interrogados. Por essa via, a flexibilidade possibilita um contato mais íntimo entre o entrevistador e o entrevistado, favorecendo assim a exploração em profundidade de seus saberes, bem como de suas representações, de suas crenças e valores. (LAVILLE E DIONNE, 1999, p. 188-199).

Para as entrevistas, o entendimento se dá a partir do objeto de estudo desta pesquisa. Não somente o rádio como meio de comunicação em era de Ditadura Militar, mas também, como era a rotina de jornalistas, radialistas, bem como a formação de opinião pública de quem viveu esses anos.

Seguindo esse percurso, as perguntas foram elaboradas na forma de questões abertas, que segundo Gil (2008), “questões abertas solicita-se aos respondentes para que ofereçam suas próprias respostas. Este tipo de questão possibilita ampla liberdade de resposta.”. Desta forma, para esta monografia, foram criadas nove perguntas, pensadas categoricamente, tanto para falar do trabalho das emissoras de rádio durante período militar, quanto de histórias de radialistas e profissionais do jornalismo. Contudo, as nove perguntas produzidas não foram em ordem para todas as fontes e sim, mescladas no decorrer da entrevista.

A escolha das fontes para a pesquisa é de suma importância para compreender quem vivenciou ou conhece essa parte da história, pensando sempre que trata-se de indivíduos que possuem pensamento e opinião própria e que dispuseram-se de integrar esta pesquisa. Pois, segundo Minayo (2010):

A pesquisa nessa área lida com seres humanos que, por razões culturais, de classe, de faixa etária, ou por qualquer outro motivo, têm um substrato comum de identidade com o investigador, tomando-os solidariamente imbricados e comprometidos. (MINAYO, 2010, p.14).

Desta maneira, os entrevistados foram escolhidos pensando nas rádios principais, de acordo com a perspectiva deste trabalho (Rádio Itaquí, Rádio Charrua e Rádio Cultura). Profissionais, radialistas e jornalistas que trabalharam e/ou continuam suas carreiras nelas até os dias atuais e que puderam contar suas experiências para a obtenção da análise dos dados.

A coleta de dados das entrevistas deste estudo, realizou-se mediante três formas diferentes de contato. A primeira, por meio de mensagens de texto, onde foram enviadas as perguntas via WhatsApp, a segunda maneira, por meio de vídeo chamada, pelo Google Meet e a terceira, fisicamente, no local de trabalho da fonte. Assim, para as fontes que pude conversar, usei de gravação de voz com o consentimento das mesmas, para decupagem. E para as demais, apenas usei os textos para me basear na escrita.

Concluindo assim, a metodologia desta monografia, pontuando de forma exploratória e analítica o desenvolvimento e buscando mostrar o porquê das preferências nas escolhas das fontes e das respectivas rádios. No próximo capítulo, será abordada a análise dos dados obtidos, onde as entrevistas, fontes e a histórias dessas rádios serão tratadas com mais profundidade.

4 ANÁLISE DE DADOS

O rádio tem como um de seus propósitos servir às demandas da comunidade e incentivar o acesso à informação e liberdade de expressão, como reitera KNOB (2023), “nenhum veículo é mais adequado e pertinente para fazer manifestações do que uma rádio.”. Assim, este capítulo irá analisar como as rádios e seus profissionais da fronteira do Rio Grande do Sul lidaram com as pressões da época da Ditadura Militar e os anos que vinham a seguir.

Observam-se os resultados através das informações sobre a rotina das rádios, obtidas pelas entrevistas realizadas entre os dias 11 e 15 de novembro de 2024, com os profissionais de jornalismo, Chico Alves, Jorge André Brittes, José Newton Falcão, Serzo Brites e o também historiador, Julio Cesar Gómez.

A Rádio Charrua, localizada na cidade de Uruguaiana, enfrentou os anos de Ditadura, em seu ambiente de trabalho, tomada pelos militares, com uma programação totalmente delimitada a mando de agentes do exército. De acordo com o radialista da rádio na época, a emissora cumpriu com o papel estabelecido:

É bem verdade, que o ambiente na rádio, em 64, evidentemente sabiam que deveriam cobrir as ordens de quem estava na direção, o exército. Os militares visitaram o ambiente e ficaram um pouco mais de um mês e vendo que a rádio estava respeitando rigorosamente o que foi determinado, não houve problema. (ALVES, 2024).

No ambiente da rádio, profissionais do jornalismo não sofreram com a perseguição e censura, mas houve conscientização sobre a programação, daquilo que deveria ou não ser noticiado. Chico Alves (2024) explica: “as notícias que estavam acontecendo no bojo da mudança, quem determinava era o quartel general, a sede enviava as matérias até já redigidas.” No que se refere às músicas, essas padeceram nas mãos do regime, por influência da fronteira, especificamente a música “Não Chore Por Mim Argentina”, que foi excluída da programação. O radialista, Jorge André Brittes, que trabalhou em 1977 na emissora, relata:

Eu era programador musical e apresentador de programas, tive a primeira experiência marcante de vigilância do órgão de censura federal, quando vieram me informar que deveria ser evitado colocar Don't Cry For Me Argentina. Período pós Perón e que por ser fronteira, falava justamente daquela época de mordada do governo. Então músicas eram censuradas. (BRITTES, 2024).

Conseqüentemente, a rádio Charrua alinhou-se de acordo com o período, fazendo com que sua transmissão fosse introduzida nas casas dos ouvintes uruguaianenses com as propostas impostas pelo regime. Assim, os profissionais precisaram deixar suas opiniões fora do meio radiofônico, para que o rádio, como empresa, não deixasse de vincular notícias ao povo.

Uma vez que Uruguaiana limitou sua programação ao que era imposto, a cidade de São Borja que possuía apenas uma emissora, na época, sofreu com as limitações do governo. As rádios denominadas de “esquerda”, foram gradualmente fechadas, como a Rádio Fronteira do Sul. Segundo o Jornalista José Newton Falcão, que trabalha atualmente na Rádio Cultura, o município ficou anos sem uma emissora:

A comunidade se inteirava mais pelo noticiário da Rádio Nacional de Santo Tomé do que pelas rádios gaúchas. Somente em 1977 foi restabelecido o serviço de Rádio em São Borja, com a criação da Empresa São-Borjense de Comunicação, com a inauguração da Rádio Cultura. (FALCÃO, 2024).

Ainda de acordo com Falcão, a programação musical também sofreu represália do governo. Nomes como Gil, Bethânia e Chico ficaram proibidos de passar nos estúdios da estação: “Em muitos casos, as entrevistas eram pré-avaliadas e os entrevistados não podiam manifestar-se contra o regime militar ou fazer qualquer crítica, sob pena de serem presos.” (FALCÃO, 2024).

Diferente das rádios e da programação, jornalistas e radialistas não sofreram com a repressão do governo. Serzo Brites, que atua na Rádio Cultura nos dias de hoje em São Borja, pontua que, naquela época, os profissionais sabiam das consequências de bater de frente com o regime:

Aqui na época nossos locutores não foram perseguidos e censurados, não faziam matérias e opiniões políticas com medo de represálias e consequências. Mas havia relatos de colegas de outras cidades de repressão. (BRITES, 2024).

Na cidade de Itaqui, fronteira com Alvear, as rádios também mantinham-se nas cadeiras da legalidade, onde as programações eram revisadas pelos militares. A Rádio Itaqui não se direcionou diferentemente disso, mas mantinha um estúdio secreto onde montou um esquema especial de comunicação e recados, entre Itaqui e o Regimento João Manuel, de São Borja. Os soldados e voluntários, que estavam partindo da cidade, poderiam manter contato com suas famílias pela emissora, que detinha de um prédio, onde somente os transmissores ficavam ligados, para não serem descobertos. Julio Cesar Gómez, que trabalhou na rádio, conta sobre o “lugar secreto” da emissora:

Por precaução exagerada as operações o prédio onde funcionava a rádio permaneceu fechado, só os transmissores permaneceram operantes no local, os locutores e as transmissões deslocados para um “local secreto” não muito longe a pouco mais de uma quadra adiante. (GOMÉZ, 2024).

A participação dos profissionais de comunicação foi limitada, já que o estúdio secreto não se manteve por muito tempo, com medo de ser descoberto, logo trataram de acabar com o lugar. Assim, as programações voltaram na tradicional demanda do governo, transmitindo para o município de Itaqui comunicados do que estava acontecendo em sua capital, Porto Alegre.

Nossa participação foi limitada pois operamos quase todo o tempo retransmitindo a “Cadeia da Legalidade” comandada desde o Palácio Piratini em Porto Alegre pelo Governador Leonel Brizola, ficamos restritas ao noticiário do meio dia com seus tradicionais “Comunicados Para o Interior do Município”. (GOMÉZ, 2024).

Para meio de contextualização, a “Cadeia da Legalidade” tinha como objetivo garantir a posse de João Goulart como presidente da República, “ o governador Brizola entrincheirado no Palácio do Governo em Pôrto Alegre lança a campanha da “Legalidade” organizando a resistência democrática.” (GOMÉZ, 2024).

Figura 1- Brizola inspecionando armas de soldados mobilizados na Campanha da Legalidade



Fonte: Acervo Gómez, s.d.

Em Itaqui, o Prefeito, Mario Lopes, propôs uma ação de divulgação para promover o recrutamento de voluntários para participar da Legalidade. “Os quatro presentes subscreveram e assinaram o cadastro de adesão, transformando-se assim nos primeiros quatro voluntários da tropa: Zunino, Zeca Contursi, Olsy Silveira e eu.” (GOMÉZ, 2024). Os registros de números de voluntários não são conhecidos, mas a adesão do Prefeito alcançou significativa disposição dos moradores.

Assim, as demais rádios da cidade, além de servirem como meio para vincular informações aos demais moradores e como divulgadora para o regime, no sigilo, a Rádio Itaqui pode manter-se trabalhando de outras formas, ajudando aqueles que estavam no recrutamento, a falarem com suas respectivas famílias e mantendo a sua linha de programação antes das normas do governo.

Concluimos assim, os dados das entrevistas fornecidas para este trabalho, para que se tenha conhecimento da funcionalidade das principais rádios escolhidas e citadas na introdução desta monografia, no contexto de Ditadura Militar. A partir

daqui, será realizada uma análise de ordem mais interpretativa dos dados mencionados acima.

A contar dos fatos obtidos, compreende-se que o rádio no interior do Rio Grande do Sul foi essencial para vincular notícias, pois muitos municípios permanecem longe da capital e por tratar-se de cidades fronteiriças, muitas vezes a programação estava vinculada à cultura Argentina. Assim, as rádios proporcionaram aos ouvintes uma conexão direta de informação, 24 horas por dia, nos cantos mais afastados possíveis, trazendo de volta a cultura gaúcha e o que acontecia na região.

Fazendo-se um breve resumo, retoma-se a necessidade de alavancar os principais pontos de cada emissora citada neste trabalho, para que o testemunho da história se confirme: “o resgate do passado é uma reconstrução do que já foi vivido, um despertar do que continua vivo no subconsciente de certa forma.” (CLEZAR E VITALI, 2019).

Em Uruguaiana, a Rádio Charrua limitou-se às suas programações com o que o governo pedia, seus profissionais iam de acordo com o que era vigente, mas sem deixar de comunicar. A censura foi estabelecida em músicas e cantores, principalmente aquelas que remeteram ao governo da província de Corrientes, que faz fronteira direta e estabelece uma conexão direta com a cultura. A emissora, contudo, não deixou que a cultura da cidade e do estado fosse deixada de lado, manejando seus conteúdos aos ouvintes.

A respeito da cidade de São Borja, as rádios intituladas de “esquerda” foram fechadas e somente em 1977 o município passou a ter uma nova emissora, a Rádio Cultura. Aquelas que continuaram seus trabalhos, enquadraram-se ao que era imposto e, mais uma vez, tinham de suas programações censuradas, como as musicais e jornalísticas.

Por fim, Itaqui também não contestou as amarras do regime, contudo, obteve uma emissora de cunho secreto para poder fazer com que futuros soldados da legalidade pudessem falar com suas respectivas famílias. As demais rádios usaram de seus veículos para disseminar informações sobre o governo e voltar-se aos jornais do meio dia, para o interior do município.

Complementando esta análise e desenvolvimento das entrevistas e obtenção de dados, percebe-se que as rádios de São Borja, Uruguaiana e Itaqui mantiveram-se de acordo com as propostas do regime imposto naquela época. A censura e repressão não afetaram diretamente as emissoras e nem seus

profissionais, mas mudanças eram vistas para que se mantivesse a ordem e os veículos ainda pudessem disseminar as informações aos ouvintes. As cidades colocaram-se em viés de obediência, muito por se tratar de rádios locais, que precisavam de patrocinadores para continuarem seu funcionamento; seus respectivos donos sabiam as consequências de bater de frente com a época que estavam vivendo.

Assim, nesta análise, resgata-se a memória do Rádio em tempos de Ditadura Militar no interior do Rio Grande do Sul, podendo-se trazer uma percepção dos assuntos que aconteciam nesta região e como eles eram disseminados, não somente pensando em cidades muito faladas como Rio de Janeiro ou São Paulo. Fazendo com que se perceba a necessidade de analisar e divulgar momentos históricos em regiões não muito abordadas em teses, livros ou contos, evidenciando os depoimentos de quem acompanhou e vivenciou, fazendo cobertura jornalística deste período. “Identificar o que se precisa saber e como será indagado todo o processo da recuperação de momentos muitas vezes não registrados em livros somente é possível através de depoimento.” (CLEZAR E VITALI, 2019).

Concluindo este tópico, salienta-se que as rádios possuem diferentes formas de vincular notícias, mas todas elas conservam o mesmo objetivo: dar voz a uma comunidade. Jornalistas, radialistas, historiadores aqui citados, impactaram significativamente os meios de comunicação daquela época em suas respectivas cidades. Trazê-los como fontes possibilitou acessar mais referências para compor este estudo. Os dados coletados nortearam o processo da fundamentação histórica e embasaram a análise da presente pesquisa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Recuperando os objetivos desta pesquisa, a proposta tem como objetivo geral analisar como o rádio lapidou a forma de comunicação dos indivíduos, em período de Ditadura Militar no Brasil. Conseqüentemente, a análise se fez com auxílio do referencial bibliográfico e tópicos que fizeram parte da alusão histórica, como “A influência do rádio”; “Rádio em contexto de Ditadura Militar”; “O papel do rádio no interior do Rio Grande do Sul” e por último, “A propagação da Ditadura através do rádio” para entender seu papel mais profundamente.

Assim, delimitando-se no seguinte problema de pesquisa: de que forma essas informações chegavam até lugares mais afastados dos centros de poder político, como as regiões de fronteira do RS e como as rádios locais mantinham-se em meio a censura ditatorial? Como pode ser observado ao longo deste trabalho, responde-se este questionamento através de coleta de dados, por meio das principais rádios das cidades escolhidas e também por entrevistas com profissionais da área de comunicação que passaram por aqueles anos e/ou absorveram resquícios da era, enquanto trabalhavam nas emissoras. Em todo o processo, foi possível aprimorar os conhecimentos a respeito do dia a dia desses profissionais e suas rotinas nas rádios.

Deste modo, cumpriu-se com os objetivos específicos propostos. Compreendeu-se como a Rádio Itaqui, a Rádio Charrua e a Rádio Cultura, em especial, exerceram um papel importante no contexto de Ditadura Militar, podendo-se verificar enfaticamente no capítulo 4. Mapearam-se as principais cidades e fontes afetadas pela comunicação e disseminação de notícias, limitando-se ao interior do Rio Grande do Sul; e investigaram-se histórias reais de quem vivenciou e trabalhou, fazendo coberturas jornalísticas naquela época.

Esta monografia usou como base metodológica, métodos pensados por Gil (2008) para uma pesquisa de cunho exploratório, descritivo e com a análise de conteúdo, juntamente com Minayo (2010), para entender as entrevistas qualitativas que abrangem este trabalho.

Nota-se com este presente estudo a necessidade de refletir sobre o rádio como um veículo de comunicação em massa, que pode mudar a influência e ser motivador de opinião pública, usando de seu próprio propósito para poder mudar a narrativa.

O presente trabalho colaborou para a minha formação acadêmica (Helena), pois pude compreender como é analisar e pesquisar sobre a propagação que o rádio possui em uma época de amarras do governo, como foi a Ditadura Militar Brasileira, buscando a melhor metodologia dentro da proposta da pesquisa.

Esta autora (Helena) tinha muito interesse e vontade de saber como era o dia a dia das emissoras, como era o ambiente de trabalho para os profissionais e, principalmente, como todas essas notícias chegaram aos ouvintes. A pesquisa também é motivada pelo gosto da autora pelos programas radiofônicos, desde pequena, e isso aprimorou-se mais com as cadeiras de Radiojornalismo.

Realizar esta pesquisa possibilitou não só o entendimento do rádio na época do regime, mas inclusive, nos dias de hoje, pois é uma modalidade no jornalismo que está em constante desenvolvimento e mantém-se um formador de opinião pública, utilizando de seus recursos, podendo ainda, chegar em lugares remotos, fazendo com que sintonize uma comunidade ao acesso de notícias. Possibilitou também conhecer profissionais ligados ao radiojornalismo que atuam até os dias de hoje e fazer esta autora reforçar as atividades de como fazer entrevistas e entender mais um pouco sobre a área da comunicação.

Os problemas enfrentados durante o progresso deste trabalho foram voltados especialmente para a busca e obtenção de fontes, nas quais rádios importantes do estado, como a Gaúcha, dificultaram o contato, a ponto de não ser mais viável ceder entrevista para esta pesquisa ou sequer responderam ao primeiro contato. A busca por profissionais de jornalismo ou radialistas foi de mais fácil acesso, conseguindo-se por meio de contatos passados por professores e amigos; obtive interesse e apoio da maioria das fontes aqui mencionadas.

No decorrer da pesquisa, instigou-se a curiosidade de procurar por mais artigos, teses, livros e trabalhos que se relacionassem com este tema, mas a obtenção de resultados ainda se mantém baixa. Na opinião da autora (Helena), as buscas ainda são limitadas, poucos trabalhos encontram-se nos repositórios acadêmicos com base no tema desta pesquisa. O uso de palavras-chaves foi essencial para o desenvolvimento do Estado da Arte e Referencial Teórico, facilitando a procura por novos trabalhos durante a escrita.

Portanto, entende-se que as conclusões finais, juntamente com o desenvolvimento de todos os tópicos, foram atingidas com êxito para a proposta desta monografia. Espera-se que o estudo em questão e o tema de pesquisa se

façam relevantes para o meio acadêmico e que, futuramente, este trabalho possa estar nas guias de pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Acervos da Cultura; Estado do Rio Grande do Sul, Itaqui. Carte de Osvaldo Degrazia, para Tarso Dutra, Ministro da Educação e Cultura. Disponível em: <https://acervos.cultura.rs.gov.br/index.php/br-rsahrs-apttd-03-5-9-7>. Acesso em: 02/2024.

AGUILAR, Oséias Fonseca de; ALVES, Vancarlos de Oliveira. A transmissão aberta em ondas curtas de rádio (OC) como infraestrutura crítica de comunicação e sua relação com a soberania e defesa nacionais. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Altos Estudos em Defesa) – Escola Superior de Defesa, Brasília, 2022. Orientador: Maj. EB. R1 Carlos Maurício de Borges Mello.

ALVES, Chico. Jornalista; Profissional da área de Comunicação da Rádio Charrua, de Uruguaiana, Rio Grande do Sul.

AMARANTE, Maria Inês; VARELA, Sonia Inês. Rádio comunitária na tríplice fronteira. Revista Observatório, v. 2, n. 3, p. 270-291, maio-ago. 2016. Disponível em: <https://hal.science/hal-01571074>. Acesso em: 1 ago. 2017.

BRITTES, Jorge André. Jornalista; Atuou na Rádio Charrua de Uruguaiana;

BRITES, Serzo. Radialista; Profissional atuante na Rádio Cultura, em São Borja, Rio Grande do Sul.

CLEZAR, Rafaela; VITALI, Marli. Censura e repressão nas ondas do rádio. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso – SATC, Educação e Tecnologia, 2019.

COSTA, Marina de Vasconcelos Padrão. Rádio, um meio de comunicação eficiente. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Publicidade e Propaganda) – Centro Universitário de Brasília, Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, Brasília, 2006. Orientadora: Prof.^a Ms. Caroline Cavalcanti de Oliveira.

CRUZ, Ulisses Lima da. A disseminação de notícias falsas (fake news) e a atuação do poder judiciário. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2021.

FALCÃO, José Newton. Jornalista; Profissional atuante na Rádio Cultura, de São Borja, Rio Grande do Sul.

FIGUEIRÓ, Francisca Bruxel. Médici e a comunicação: propaganda política durante o regime militar no Brasil. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Habilitação em Publicidade e Propaganda) – Universidade [nome da universidade, se aplicável], Lajeado, 2014.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008, Disponível em:

<https://ayanrafael.com/wp-content/uploads/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnica-s-de-pesquisa-social-1989.pdf>. Acesso em: 08/2011

GÓMEZ, Julio Cesar; Historiador e Radialista; Atuou na Rádio Itaquí; Escreveu sobre “Histórias da Rebordosa”.

GRIJÓ, Wesley; CANANEA, Camila; FERNANDES, Filipe; SANTOS, Vera; TEZZA, Thiara. Rádio e Ditadura Militar: memórias de uma rádio em cidade fronteiriça. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Pampa, São Borja, 2019.

KNOB, Helena Maria Gritti. Rotina de produção no radiojornalismo comunitário: a rádio comunitária de Frederico Westphalen. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo) – Universidade Federal de Santa Maria, Campus Frederico Westphalen, Departamento de Ciências da Comunicação, Frederico Westphalen, 2023.

KLOCKNER, Luciano. 40 ANOS SEM O REPÓRTER ESSO. Resumo de trabalho. Disponível em:

<https://www.kufunda.net/publicdocs/40%20ANOS%20SEM%20O%20REPORTER%20ESSO.pdf>. Acesso em: 04/2008.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. A Construção do Saber. Disponível em: https://www.academia.edu/28931771/A_Constru%C3%A7%C3%A3o_do_Saber_Laville_e_Dionne. Acesso em: 08/2016.

MASSAIA, Nadriel Diovane Essy. O rádio local enquanto meio de preservação cultural: produção do documentário “No ar: frequências da memória”. 2023. Projeto Experimental de Graduação (Bacharelado em Comunicação Social – Produção Editorial) – Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Departamento de Ciências da Comunicação, Santa Maria, 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2010. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/374763874/Desafio-Do-Conhecimento-Minayo>. Acesso em: 10/2017.

PEREIRA, Valderiza da Silva. Cultura Viva: um programa que faz toda a diferença. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design e Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, Caruaru, 2019.

RUAS, Claudia Mara Stapani. A rádio comunitária como fator de desenvolvimento local. 2002. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local) – Universidade Católica Dom Bosco, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local, Campo Grande, 2002.

SILVA, Marcos. Engpesc rádio web: contribuições sociais e acadêmicas de uma rádio web universitária. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Engenharia de Pesca) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas, Cruz das Almas, 2022.

SOUSA, Elinara Soares Barros de; LOPES, Wilza Gomes Reis; BERTI, Orlando Maurício de Carvalho. A rádio comunitária e o desenvolvimento sustentável: estudo no semiárido do Piauí, Brasil. *Espacio Abierto*, v. 30, n. 1, p. 33-55, 2021. Disponível em: <https://www.espacioabierto.com>.

APÊNDICE A - Tabela de os atributos primários dos artigos escolhidos na amostra da pesquisa.

Títulos dos estudos	Autores/ Anos	Métodos	Conclusões
Engpesc rádio web: contribuições sociais e acadêmicas de uma rádio web universitária	Marcos Silva, 2022	Pesquisa bibliográfica e estudo de caso	A rádio web pode contribuir significativamente para a formação acadêmica e social.
Rotina de produção no radiojornalismo comunitário: a rádio comunitária de Frederico Westphalen	Helena Maria Gritti Knob, 2023	Pesquisa documental e entrevistas	A rádio comunitária desempenha papel crucial na formação jornalística local.
Rádio comunitária na tríplice fronteira	Maria Inês Amarante; Sonia Inês Varela, 2016	Revisão bibliográfica e análise comparativa	As rádios comunitárias na tríplice fronteira são ferramentas importantes para a integração social.
A transmissão aberta em ondas curtas de rádio (OC) como infraestrutura	Oséias Fonseca de Aguiar; Vancarlos de Oliveira Alves, 2022	Pesquisa documental com análise qualitativa	A transmissão em ondas curtas é estratégica para a soberania nacional.

crítica de comunicação e sua relação com a soberania e defesa nacionais			
O rádio local enquanto meio de preservação cultural: produção do documentário "No ar: frequências da memória"	Nadriel Diovane Essy Massaia, 2023	Pesquisa documental e produção de documentário	O rádio local é fundamental para a preservação cultural em regiões específicas.
A rádio comunitária como fator de desenvolvimento local	Claudia Mara Stapani Ruas, 2002	Estudo de caso e pesquisa qualitativa	A rádio comunitária pode fomentar o desenvolvimento local e cultural.
A rádio comunitária e o desenvolvimento sustentável: estudo no semiárido do Piauí, Brasil	Elinara Soares Barros de Sousa; Wilza Gomes Reis Lopes; Orlando Maurício de Carvalho Berti, 2021	Pesquisa bibliográfica e estudo de campo	As rádios comunitárias no semiárido ajudam a promover o desenvolvimento sustentável.
Cultura Viva: um programa	Valderiza da Silva Pereira, 2019	Estudo de caso e análise	O programa Cultura Viva tem impacto significativo no

que faz toda a diferença		qualitativa	fortalecimento de iniciativas culturais.
A disseminação de notícias falsas (fake news) e a atuação do poder judiciário	Ulisses Lima da Cruz, 2021	Pesquisa bibliográfica e análise jurídica	Fake news têm implicações legais que requerem uma atuação mais rigorosa do judiciário.
Rádio e Ditadura Militar: memórias de uma rádio em cidade fronteiriça	Wesley Grijó; Camila Cananea; Filipe Fernandes; Vera Santos; Thiara Tezza, 2019	Pesquisa documental e entrevistas	O rádio foi um meio importante de resistência e controle durante a Ditadura Militar.
Censura e repressão nas ondas do rádio	Rafaela Clezar; Marli Vitali, 2019	Estudo de caso e análise histórica	A censura nas ondas do rádio teve impacto duradouro na liberdade de imprensa.
Médicos e a comunicação: propaganda política durante o regime militar no Brasil	Francisca Bruxel Figueiró, 2014	Pesquisa documental e revisão bibliográfica	A propaganda política durante o regime militar foi uma ferramenta poderosa de controle.
Rádio, um meio de comunicação eficiente	Marina de Vasconcelos Padrão Costa, 2006	Pesquisa documental e análise de	O rádio é um meio de comunicação eficiente e com ampla

		conteúdo	penetração em regiões isoladas.
--	--	----------	---------------------------------

Fonte: Elaborado pela autora, (2024).

APÊNDICE B- ENTREVISTAS

Nome: Chico Alves - Jornalista

Local: Rádio Charrua, Uruguaiana (RS)

Como era o ambiente de trabalho nas emissoras de rádio nos tempos de Ditadura Militar?

Quando aconteceu, o que uns chamam de revolução e outros de golpe, a Rádio Charrua foi tomada pelo exército e veio para Uruguaiana, um Capitão, chamado Antonio Augusto Brasil Caruss, que continuou o tratamento muito bom, em nenhum momento houve elitismo, problemas graves. É bem verdade, que o ambiente na rádio, em 64, evidentemente sabiam que deveriam cobrir as ordens de quem estava na direção, o exército. Os militares visitaram o ambiente e ficaram um pouco mais de um mês e vendo que a rádio estava respeitando rigorosamente o que foi determinado, não houve problema.

Você teve algum conhecimento de jornalistas, radialistas, profissionais da área que foram perseguidos ou censurados?

Não. Aqui em Uruguaiana não. O que é verdade, é que houve uma conscientização sobre a programação, daquilo que se podia ou não publicar. As notícias que estavam acontecendo no bojo da mudança, quem determinava era o quartel general, a sede enviava as notícias que estavam acontecendo naquele momento, com as matérias até já redigidas. O que houve proibição, foi as músicas, muitas delas foram tiradas das programações.

Como você observa a influência da rádio na formação de opinião pública durante o regime?

A rádio charrua é a mais antiga de Uruguaiana, a mais antiga da região, hoje é a segunda mais antiga em atividade no estado, com 88 anos. Então assim, a rádio se caracteriza como parceira das comunidades, então tínhamos um respeito muito grande pelas leis. Se houve influência, foi daquilo que foi publicado e o que foi permitido.

Você acha que o rádio foi um dos principais meios de comunicação para nossos municípios?

Por nossa localização geográfica e pelos tantos anos, as rádios sempre reforçaram, principalmente por estarem em fronteira, a nossa cultura. Na década de 40, os gaúchos sabiam mais do que acontecia na Argentina, do que no Rio de

Janeiro, que era a capital, naquela época, sabiam todas as escalações dos times de Buenos Aires e não sabiam a escalação do Grêmio, pela dificuldade da chegada dos sons das emissoras. As músicas que faziam sucesso aqui, eram argentinas. E as rádios do estado sempre tentando verticalizar aquilo que era nosso, a nossa cultura. Aí vemos a influência da comunicação na nossa cultura.

Nome: José Newton Falcão - Jornalista

Entrevista por WhatsApp

Como resumiria a importância da Rádio como meio de comunicação em período de Ditadura Militar?

As rádios oficiais, durante o período da Ditadura Militar e que tinham alinhamento com o golpe militar, continuaram funcionando regularmente e transmitindo mensagens conforme seu interesse. Outras, identificadas com a esquerda, foram sumariamente fechadas, como foi o caso da Rádio Fronteira do Sul, de São Borja, e seus dirigentes como Lauro de Alcântara tiveram que se mudar para outras cidades. Assim, São Borja ficou por vários anos sem uma emissora de rádio e a comunidade se inteirava mais pelo noticiário da Rádio Nacional de Santo Tomé do que pelas rádios gaúchas. Somente em 1977 foi restabelecido o serviço de Rádio em São Borja, com a criação da Empresa São-Borjense de Comunicação, com a inauguração da Rádio Cultura. Mesmo com as emissoras alinhadas ao regime militar, nós redatores de notícias éramos chamados frequentemente a apresentar nossos noticiários para os comandantes das unidades militares. Isso aconteceu comigo em São Luiz Gonzaga, quando fui gerente da área de jornalismo da Rádio Central Missioneira, atualmente denominada Rádio Missioneira.

Qual foi o papel das rádios locais durante o período da Ditadura Militar no Rio Grande do Sul?

As rádios locais, atuavam conforme as determinações governamentais. Assim eram transmitidas apenas as informações alinhadas ao governo. São Borja, por ser área de fronteira, tinha o prefeito nomeado como interventor, pelo Governo Federal. Os vereadores eram eleitos pelo voto popular. No restante da programação, as emissoras eram proibidas de tocar músicas de autores alinhados à esquerda como Chico Buarque, Maria Bethânia, Milton Nascimento, Gilberto Gil e muitos outros mais. Em muitos casos, as entrevistas eram pré-avaliadas e os entrevistados não

podiam manifestar-se contra o regime militar ou fazer qualquer crítica, sob pena de serem presos.

Como as rádios comunitárias se posicionaram em relação ao regime militar?

Na época não havia rádios comunitárias. Somente funcionavam as oficiais, liberadas pelo governo.

Em que medida as experiências de rádio durante a Ditadura ainda influenciam a mídia local hoje?

As experiências adquiridas durante a ditadura, nos servem ainda hoje como uma lição sobre o que não devemos fazer especialmente em relação à política nacional. O Brasil chegou a um verdadeiro Estado Democrático de Direito e dele não podemos mais abrir mão, independente da ideologia de quem esteja no poder. Não podemos mais aceitar ditaduras de direita ou esquerda, primando sempre pela liberdade de expressão.

Houve um esforço para criar um 'clima de normalidade' ou para se adaptar às ações do regime as ações do regime militar por meio da programação da rádio?

Não houve nenhum esforço para "criar clima" de normalidade. Muito pelo contrário. Até pelo fato de que os proprietários das emissoras de rádio eram todos, sem distinção, alinhados ao governo militar.

Quais eram as rádios que alinhavam-se com o governo de Direita?

Na verdade, como as cidades vizinhas, naquela época não se tinham muitas rádios. Aqui em São Borja, a mais influente era a Fronteira do Sul, que foi fechada. Depois, veio a Cultura em 77. (1977)

Nome: Serzo Brites - Radialista

Entrevista por WhatsApp

Como era o ambiente de trabalho nas emissoras de rádio durante os anos de ditadura militar?

Em São Borja era tranquilo. Não tivemos problema.

Você teve conhecimento de jornalistas, locutores ou profissionais que foram perseguidos e censurados por suas opiniões?

Aqui na época nossos locutores não foram perseguidos e censurados. Mas eles sabiam que se fizessem teria consequências.

Como você observa a influência da rádio na formação de opinião pública durante o regime militar?

Pouca pois os locutores não faziam matérias e opiniões políticas com medo de represálias e consequências.

Como você acha que o papel da rádio durante a ditadura é lembrado ou reconhecido hoje em dia?

Na nossa cidade de São Borja era tranquilo. As notícias dadas não iam contra a ditadura. Mas havia relatos de colegas de outras cidades de repressão.

Nome: Jorge André Brittes - Radialista e Empresário

Entrevista por Google Meet.

Como era o ambiente de trabalho nas emissoras de rádio nos tempos de Ditadura Militar?

Eu comecei minha atividade em rádio na rádio Charrua, entrei justamente num período assim, de 1977. Uruguaiana, área de segurança nacional, não se votava em absolutamente ninguém, os alcaides eram indicações dos governos estaduais e nós tínhamos sim uma vigilância ostensiva das Forças Armadas, do Exército Brasileiro e da Polícia Federal. Como eu ingressei no entretenimento na rádio, eu era programador musical e apresentador de programas, eu tive a primeira experiência marcante de vigilância do órgão de censura federal. Eu recebi uma visita de um agente da polícia federal, na rádio charrua, pedindo para falar comigo e eu tinha 18 anos, então imagina receber esse tipo de visita. Eu programava os roteiros musicais da maioria dos horários e esse agente ao me procurar, disse que eu deveria evitar, pois eles colocavam assim, tentando ter uma certa suavidade na colocação, me disse que estava ali em nome de censura federal, para me informar que deveria ser evitado colocar uma música, nos roteiros da rádio, que era Don't Cry For Me Argentina. Período pós Perón e que por ser fronteira, falava justamente daquela época de mordança do governo. Então músicas eram censuradas. E então, eu recebi desse agente, uma notificação, escrita, que eu não poderia contar para absolutamente ninguém.

Como você observa a influência da rádio na formação de opinião pública durante o regime?

Indiscutivelmente, o rádio, que ainda hoje, está muito presente na vida das pessoas, fazia parte de uma maneira imensurável, era uma companhia e uma

presença de informação do amanhecer ao anoitecer. Tudo o que acontecesse no cotidiano de uma cidade, impactava e era divulgado pelo rádio. As pessoas que trabalhavam no rádio, tinham uma notoriedade pública, por esse consumo absurdo, ele entrava na vida das pessoas. E a rádio tinha uma presença de opinião muito forte. Não havia neutralidade por parte dos profissionais, pelo menos em meu tempo na Charrua, mas ao mesmo tempo, havia uma vigilância muito forte, por parte do regime. E assim, a rádio como uma empresa, com fins lucrativos, precisava seguir as amarras do regime.

Houve um esforço para criar um 'clima de normalidade' ou para se adaptar às ações do regime as ações do regime militar por meio da programação da rádio?

A gente era orientado pelo o que o país consumia, o que Caetano cantava, o que Chico Buarque compunha, era trazido naturalmente para as programações de rádio, mas eu acredito que sim. Tenho lembranças que os empresários e os profissionais percebendo que o ambiente era de vigilância, de censura, entendiam que ou eles aceitavam essa condição ou as consequências poderiam ser drásticas.

Nome: Julio Cesar Gómez

Entrevista por WhatsApp

Como as rádios comunitárias se posicionaram em relação ao regime militar?

Durante a “rebordosa” da 1961 a Rádio Itaqui integrou a cadeia de emissoras da “Legalidade” transmitida desde a Capital e montou um esquema especial de comunicação e recados, entre Itaqui e o Regimento João Manuel em São Borja permitindo que os soldados Itaquenses deslocados para São Borja tivessem comunicação e contato com suas famílias no Itaqui. Por precaução exagerada as operações o prédio onde funcionava a rádio permaneceu fechado, só os transmissores permaneceram operantes no local, os locutores e as transmissões deslocados para um “local secreto” não muito longe a pouco mais de uma quadra adiante. Os estúdios improvisados foram instalados as pressas na rua XV de Novembro, esquina da antiga Ferragem Fronteira, no andar superior daquele sobrado onde fora a padaria do “seu Vítor Cademartori” e mais tarde o Supermercado do Sanches.

Você teve conhecimento de jornalistas, locutores ou profissionais que foram perseguidos e censurados por suas opiniões?

Nossa participação foi limitada pois operamos quase todo o tempo retransmitindo a “Cadeia da Legalidade” comandada desde o Palácio Piratini em Porto Alegre pelo Governador Leonel Brizola, ficamos restritas ao noticiário do meio dia com seus tradicionais “Comunicados Para o Interior do Município” e transmissões que fazíamos desde São Borja no que chamamos de “Comunicados e Recados”. Era um sábado ou domingo, não lembro direito, quando acompanhei uma reunião no gabinete do Prefeito, motivo da reunião: organizar a divulgação da resistência e promover o recrutamento de voluntários para participar da Legalidade. Transformando-se assim nos primeiros quatro voluntários da tropa do seu Mario Lopes: Zunino, Zeca Contursi , Olsy Silveira e eu. Não sei exatamente o número alcançado mas sei que a adesão civil organizada pelo Prefeito foi grande e registrou significativa disposição de nossos conterrâneos em defender a Legalidade.

